



Cidade para pessoas: tempo e espaço para olhar, refletir e propor

Camila Cesário Pereira de Andrade¹

Yára Christina Cesário Pereira²

RESUMO: Como Atividades Curriculares (ACs) para cursos de formação inicial possam ser espaço-tempo de reflexão-ação sobre as relações sociedade, ambiente e educação? Por que nos acostumamos a pensar as cidades para os edifícios, para os carros e não para as pessoas? Tais questionamentos fomentaram a elaboração de ACs integradoras para licenciandos(as) de História, Letras e Matemática de uma universidade comunitária. Com abordagem qualitativa, baseado em pesquisa bibliográfica, a campo e traços de pesquisa-ação as mesmas, foram vivenciadas na disciplina Sociedade, Meio Ambiente e Educação (SMAE) entre fevereiro-abril de 2018. Pretendeu-se integrar diferentes saberes, fazeres, olhares estético-sensível, envolvendo ainda, Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. O profundo e pertinente envolvimento dos(as) licenciandos(as), a aproximação teoria-prática, as discussões-proposições para problemáticas socioambientais a partir de diferentes perspectivas, podem potencializar a inovação curricular na formação de professores(as).

Palavras-chave: Cidade para pessoas; Desenvolvimento sustentável; Atividades Curriculares.

Ciudad para la gente: tiempo y espacio para mirar, reflexionar y proponer

RESUMEN: ¿Como actividades curriculares para cursos de formación inicial pueden ser espacio-tiempo de reflexión-acción sobre las relaciones sociedad, ambiente y educación? ¿Por qué nos acostumbra a pensar las ciudades para los edificios, para los coches y no para las personas? Tales cuestionamientos fomentaron la elaboración de AC integradoras para licenciandos (as) de Historia, Letras y Matemáticas de una universidad comunitaria. Con abordaje cualitativo, basado en investigación bibliográfica, a campo y rasgos de investigación-acción las mismas, fueron vivenciadas en la disciplina Sociedad, Medio Ambiente y Educación (SMAE) entre febrero-abril de 2018. Se pretendió integrar diferentes saberes, haceres, miradas estético-sensible, involucrando aún, Objetivos del Desarrollo Sostenible. La profunda y pertinente implicación de los licenciandos,

¹ Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Vale do Itajaí (2003), Especialização em Projeto arquitetônico e a Cidade pela Universidade do Vale do Itajaí (2005), e mestrado em Engenharia Civil - Cadastro Técnico Multifinalitário - pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009). E-mail: arqcamilacesario@gmail.com

² Pós-doutora em EA pela Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA-FURG) 2013; Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004); Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996); especialização em Supervisão Educacional (PUC/BH - 1991); Licenciada em Ciências Biológicas (FURB, 1977) e Pedagogia (UNIVALI, 1991). E-mail: yara@univali.br

la aproximación teoría-práctica, las discusiones-proposiciones para problemáticas socioambientales a partir de diferentes perspectivas, pueden potenciar la innovación curricular en la formación de profesores (as).

Palabras clave: Ciudad para personas; Desenvolvimento sustentável; Atividades Curriculares.

City for people: time and space to look, reflect and propose

ABSTRACT: How can Curricular Activities (ACs) for initial training courses be space-time reflection-action on the relationships society, environment and education? Why do we get used to thinking of cities for buildings, for cars and not for people? These questions fostered the elaboration of integrative ACs for the graduates of History, Letters and Mathematics of a community university. With a qualitative approach, based on bibliographical research, the field and research-action traits the same, were experienced in the discipline Society, Environment and Education (SMAE) between February and April 2018. It was intended to integrate different knowledge, doings, looks aesthetic-sensitive, involving also, Sustainable Development Objectives. The deep and pertinent involvement of the graduates, the theory-practice approach, the discussions-propositions for socio-environmental problems from different perspectives, can potentiate the curricular innovation in the formation of teachers.

Keywords: City for people; Sustainable development; Curricular Activities

INTRODUÇÃO

As cidades ao longo da história da humanidade têm funcionado como um espaço de convívio. Nascem da necessidade de contato, de comunicação, de organização, de relações entre os seres humanos. O mundo se cria e se recria a partir das relações que o ser humano mantém com a natureza e da maneira como ele se constrói enquanto indivíduo. Sendo, ao mesmo tempo uno e múltiplo, esta diversidade do humano é também, uma das características mais marcantes da Cidade imprimindo nesta, contornos e ritmos únicos.

Para Bresciani (2002) a cidade, como *habitat* humano por excelência, revela as ações dos homens ao longo do tempo, seja em sua materialidade, seja nas representações construídas a partir dela, e por isso há muito a cidade está presente na história da humanidade. Porém, é a partir da constituição da modernidade e da conjuntura dela derivada que os aglomerados urbanos se posicionam como questão. A multiplicidade de problemas sugere olhares diversos sobre a cidade, instituindo a questão urbana, a qual vai originar reflexões e intervenções em diferentes perspectivas e dimensões.

Nesse cenário, a cidade do século XXI como *habitat* do ser humano contemporâneo, é determinada e determinante pelos efeitos do processo de globalização, pela influência da diversas culturas sobre o conceito de habitar, apropriar e planejar os espaços urbanos, pelo avanço tecnológico na área da arquitetura, da indústria construtiva, nas alterações do modo de produção capitalista, torna-se cada vez mais complexa a relação

entre o “construir e habitar cidades” e o pensar a "cidade para as pessoas". Um plano de ação para as Pessoas, para o Planeta e para a prosperidade do Desenvolvimento Sustentável é o que propõe o conjunto de metas globais intitulado “Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável” proposta pela a ONU em 2015.

As questões socioambientais apresentam-se de forma relevante na formação inicial do(a) acadêmico(a) uma vez que educar na/para a sustentabilidade implica um esforço individual e coletivo com foco no discernimento de modelos interpretativos decorrentes de diferentes e complexos sistemas das realidades do mundo contemporâneo em nível global/local.

O pensamento de Morin (2000, p. 37) expressa a ideia de pensar a relação global/local, quando assim se expressa, “[...] o planeta Terra é mais do que um contexto: é um todo ao mesmo tempo organizador e desorganizador de que fazemos parte”. O autor, define o sistema como um todo, mais ou menos do que a soma de suas partes. No todo organizado, não há a essência e as propriedades que existem nas partes isoladas. Cada parte do mundo faz cada vez mais parte do mundo, e todo o mundo está cada vez mais presente em cada parte.

A universidade como um dos “espaços educadores sustentáveis” entendidos como aqueles que “[...] tem a intencionalidade pedagógica de se constituir em referências concretas de sustentabilidade socioambiental” (TRAJBER e SATO, 2010, p.71) passa a ser espaço e tempo privilegiado para fomentar o processo de formação do indivíduo que desempenha vários papéis na sociedade. Isso exige elaborar Atividades Curriculares (ACs) integradoras na perspectiva da autonomia do(a) acadêmico(a) em todos os âmbitos de sua vida pessoal e profissional.

Filosoficamente o conceito de autonomia implica na condição de liberdade que consiste na possibilidade do indivíduo tomar suas próprias decisões com base em sua razão, em conhecimentos fundamentados, em pensamento refletido, em conhecimento das possíveis consequências da decisão escolhida, em seus valores e em sua cultura (PEREIRA, 2015, p.2)

A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável adotada pela Assembleia Geral da ONU, explicita a importância da educação formal, não formal e informal para o alcance das inúmeras metas e indicadores. Um novo marco global para redirecionar a humanidade para um caminho sustentável. [...] os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS descrevem os principais desafios que poderão garantir uma vida sustentável, pacífica, próspera e equitativa na Terra para todos, agora e no futuro. [...]

abordam ainda, as principais barreiras sistêmicas para o desenvolvimento sustentável, como a desigualdade, padrões de consumo insustentáveis, falta de capacidade institucional e degradação ambiental (UNITED NATIONS, 2015).

Destaca-se nesse momento, o ODS 4 - Educação de Qualidade, que trata da promoção da educação de qualidade e assegurar a educação inclusiva e equitativa promovendo a diversidade cultural e o desenvolvimento sustentável e o ODS 11 - Cidades e comunidades sustentáveis - Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis, proporcionando (objetivo 11.7) o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes, particularmente para as mulheres e crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência.

Para alcançar as metas e ações previstas nesses ODS (e outros também) é preciso desenvolver habilidades e competências para: [...] utilizar a voz para identificar e utilizar os mecanismos de participação pública nos sistemas de planejamento local, exigindo investimentos em infraestruturas sustentáveis, edifícios e parques em sua área e para debater os méritos de planejamento de longo prazo; conhecer os princípios básicos de planejamento e construção sustentável, identificando oportunidades para tornar sua própria área mais sustentável e inclusiva; entender o papel dos tomadores de decisão locais e da governança participativa e a importância de representar uma voz sustentável no planejamento e nas políticas para sua área (UNESCO, 2017).

Tais pressupostos, fomentaram o planejamento e a execução de ACs integradoras que contribuíssem para diagnosticar a percepção dos(as) licenciandos(as) e moradores locais sobre a interação entre a vida na cidade, a qualidade dos espaços urbanos, desenvolvimento sustentável e a cidade para pessoas. Estas, não representam somente as atividades a serem desenvolvidas durante o percurso da disciplina. Referem-se, a construção do conhecimento que põe em movimento operações mentais (conhecimento, compreensão, aplicação; análise; síntese e avaliação) em crescente complexidade articulada aos objetivos de aprendizagem esperados e planejados, portanto, intencionais.

Vasconcelos (1994) apresenta algumas categorias que podem orientar a definição das ACs e, por decorrência, a seleção das estratégias de ensino e de aprendizagem: significação (estabelecimento de vínculos entre conteúdo escolar e prática social); problematização (problema de pesquisa); práxis (ação motora, perceptiva e reflexiva do sujeito sobre o objeto a ser conhecido); criticidade (visão crítica da realidade – a busca da causa das coisas e a essência dos processos naturais e culturais); continuidade-ruptura

(método dialético); historicidade (contextualização histórica do conhecimento); totalidade (síntese e análise).

O problema de pesquisa que desencadeou o planejamento e organização das ACs foi o seguinte: Qual a importância da dimensão humana no planejamento das cidades e de áreas edificadas?

Dentre os objetivos previstos aponta-se: identificar a relação entre escala e sentidos de diferentes espaços urbanos a partir da perspectiva de cidades para pessoas; reconhecer a cidade como lugar de encontro ampliando o nível de discussões sobre às opções humanas na mesma; conectar vida na cidade e qualidade do espaço urbano; conceituar escala, espaço, caminhos, limites, setores, pontos nodais, marcos; refletir sobre a intervenção humana em diferentes tempos e espaços interconectando razão e sensibilidade; analisar diversas formas de representação do espaço urbano tendo como referência os sentidos e a escala e criar narrativas que possam transformar nossos olhares diante de nossas cidades gerando oportunidades para prototipar como fazer isto.

CIDADE PARA O CONVÍVIO DOS OLHOS

Para Jan Gehl (2015), nos últimos 50 anos, a dimensão humana foi seriamente negligenciada no processo de planejamento urbano. Há falta de estudos e de visão dos urbanistas para o que chama de *ground floor* - o térreo, o nível da rua, pois é entre os edifícios que todos vivemos. Pela primeira vez na história da humanidade cidades não são construídas como conglomerações de espaços urbanos, mas como edificações individuais, autossuficientes e indiferentes. O autor em referência, defende que a cidade deve ser criada para as pessoas, para o convívio ao nível dos olhos, para a qualidade de vida. Nada de busca pela forma, mas pela escala humana.

"Uma característica comum de quase todas as cidades - independentemente da localização, economia e grau de desenvolvimento - é que as pessoas que ainda utilizam o espaço da cidade em grande número são cada vez mais maltratadas". (GEHL, 2015, p. 3). De um modo geral urbanistas e gestores públicos planejam e organizam edifícios na cidade como se fossem vistos pela janela do avião, em vez de edifícios vistos da rua. Em vez de planejar a cidade de baixo, planejam de cima. Primeiro os edifícios, depois os espaços livres e depois, finalmente, preocupam-se um pouco com as pessoas. Nos tempos antigos, sempre se pensou nessa ordem: pessoas, espaços e edifícios. Até que se inverteu a ordem: edifício, espaços e pessoas (GEHL, 2015).

Considera Carlos (2003, p. 26) que nos "espaços urbanos, fundem-se os interesses do capital, a ação do Estado e a luta dos moradores como forma de resistência contra a segregação no espaço residencial e pelo direito à cidade". Assevera Corrêa (2000, p. 9): "Fragmentada, articulada, reflexo, condicionante social, a cidade é também o lugar onde as diversas classes sociais vivem e se reproduzem". Complementa Souza (2005, p. 84) que em países em desenvolvimento (como o Brasil) as cidades, apresentam um quadro diversificado,

a segregação está entrelaçada com a hierarquização social e a distribuição desigual da riqueza socialmente gerada, desta forma, a segregação derivada de desigualdades retroalimenta desigualdades ao condicionar a perpetuação de preconceitos e a existência de intolerância e conflitos.

Carlos (2007) complementa que, o espaço urbano como produto social, está em constante processo de reprodução nos obrigando a pensar a ação humana enquanto obra continuada, ação reprodutora que se refere aos usos do espaço onde tempos se sucedem e se justapõem.

Gehl (2015) quando aprofunda a importância da dimensão humana como necessária de um novo planejamento das cidades para as pessoas discorre sobre: as cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis; cidade cheia de vida, segura; a cidade como lugar de encontro, e nesse cenário, mergulha nos Sentidos e Escalas - espaço de movimentos e experiências.

O processo de expansão das cidades pouco tem considerado a fragilidade do ecossistema, evidenciando seu caráter predominantemente quantitativo, em detrimento do aspecto qualitativo. As cidades atuais, e durante as mais diversas fases históricas, só podem refletir os valores, compromissos e resoluções da sociedade que abrigam. Portanto, o sucesso de uma cidade depende de seus habitantes e do poder público, da prioridade que ambos dão à criação e manutenção de um ambiente urbano e humano (ROGERS, 2001. p.16).

A arquitetura, também responsável por esse processo de expansão, e criação/recriação das cidades, impõe hoje a reflexão e a busca por um produto voltado para a sustentabilidade contemporânea, a qual nos leva necessariamente a considerar, incluir, integrar e inter-relacionar nos conceitos arquitetônicos, os fundamentos de conforto ambiental e as técnicas construtivas.

Em 1972 na Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente, realizada em Estocolmo/Suíça o termo sustentabilidade começou a ser elaborado. A convenção reuniu representantes governamentais, líderes empresariais, representantes da sociedade e membros da comissão mundial sobre meio ambiente e desenvolvimento da Organização

das Nações Unidas (ONU), que na oportunidade discutiram medidas que chamassem atenção internacional para as questões da degradação ambiental.

Em 1987 foi criado o conceito de desenvolvimento sustentável que segundo o Relatório Brundtland é o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades. O termo sustentabilidade tem sido utilizado para definir ações e atividades humanas que visam suprir as necessidades dos seres humanos, sem comprometer o futuro das próximas gerações, ela está relacionada ao desenvolvimento econômico e material sem agredir o meio ambiente, usando os recursos naturais de forma inteligente para que eles se mantenham no futuro, gerando assim o que conhecemos de desenvolvimento sustentável.

O conceito de desenvolvimento sustentável sugere um legado permanente de uma geração a outra, para que todas possam prover suas necessidades. A sustentabilidade representa a qualidade daquilo que é sustentável, e passa a incorporar o significado de manutenção e conservação dos recursos naturais (MILARÉ, 2007).

A sustentabilidade pode ser entendida a partir de um viés ecológico, constituindo na capacidade que tem um ecossistema de atender às necessidades das populações que nele vivem, como também, pode ser concebida como a limitação ao crescimento em função da dotação de recursos naturais, da tecnologia aplicada no uso desses recursos e do nível efetivo de bem-estar da coletividade (id. *ibid.*).

Para Sachs e Stroh (2002), oito dimensões da sustentabilidade são necessárias ao planejamento do desenvolvimento: 1) Social: que se refere ao alcance de um patamar razoável de homogeneidade social, com distribuição de renda justa, emprego pleno e/ou autônomo com qualidade de vida decente e igualdade no acesso aos recursos e serviços sociais; 2) Cultural: equilíbrio entre respeito à tradição e inovação, capacidade de autonomia para elaboração de um projeto nacional integrado e autoconfiança, combinada com abertura para o mundo; 3) Ecológica: relacionada à preservação do potencial do capital natural na sua produção de recursos renováveis e à limitação do uso dos recursos não renováveis; 4) Ambiental: respeitar e realçar a capacidade de autodepuração dos ecossistemas naturais; 5) Territorial: refere-se a configurações urbanas e rurais balanceadas, melhoria do ambiente urbano, e estratégias de desenvolvimento ambientalmente seguras para áreas ecologicamente frágeis; 6) Econômica: desenvolvimento econômico intersetorial equilibrado, com segurança alimentar, capacidade de modernização contínua dos instrumentos de produção, razoável nível de autonomia na pesquisa científica e tecnológica e inserção soberana na economia

internacional; 7) Política (Nacional): democracia definida em termos de apropriação universal dos direitos humanos, desenvolvimento da capacidade do Estado para implementar o projeto nacional, em parceria com todos os empreendedores e um nível razoável de coesão social; 8) Política (Internacional): garantia da paz e da promoção da cooperação internacional, baseado no princípio da igualdade, controle institucional efetivo do sistema internacional financeiro e de negócios, proteção da diversidade biológica (e cultural), gestão do patrimônio global, como herança comum da humanidade, sistema efetivo de cooperação científica e tecnológica internacional (p. 71-73).

No contexto das ACs, a cidade foi concebida como cenário que articula desenvolvimento e sustentabilidade, podendo ser considerada como fio condutor da sustentabilidade e configuração espacial de uma sociedade que se organiza para que todos os cidadãos tenham de fato uma vida de qualidade. Isso exige, mudanças de estruturas políticas, econômicas, sociais, culturais e ambiental como um fator de mobilização política e social.

Gehl (2013) entende que é possível modificar as regras do jogo em prol da escala humana e de espaços públicos que garantam uma cidade viva e segura, equitativa e inclusiva, diversificada e pluralista, compacta e coesa.

Segundo Jofré (2009), diferentes autores, diferentes disciplinas, diferentes correntes de pensamento, cada uma tem estruturado uma visão particular do "objeto" do estudo chamado cidade. Valorizando todas as tentativas, podemos inferir que é difícil conseguir uma definição de uma cidade que incorpore todas as variáveis envolvidas neste fenômeno complexo e dinâmico. O autor em referência (2009), acrescenta: a definição de cidade ou de assentamento urbano deve ajudar a estabelecer requisitos para a sustentabilidade do território, onde o ser humano deve estar no centro. Para que haja a cidade deve existir, homens e mulheres, isto foi criado por e para o ser humano e é nele onde deve atingir seu maior grau de desenvolvimento, espiritual e material.

A arquitetura surgiu a partir das necessidades do ser humano por abrigo, e, ao longo da história da humanidade, tornou-se uma expressão fundamental da habitabilidade tecnológica e dos objetivos sociais e espirituais. Atualmente, a rica complexidade da motivação humana, que gerou a arquitetura, está sendo desmantelada. Quase todas as construções são feitas em busca do lucro, como fator determinante de sua forma, qualidade e desempenho.

Um questionamento se põe: Os edifícios então, são simples mercadorias? Nossa aposta é, não! Eles formam o pano de fundo de nossas vidas na cidade. Eles compõem a

nossas cidades. Eles conformam a silhueta da massa edificada, marcam a cidade, conduzem a exploração do olhar, valorizam o cruzamento das ruas. O menor detalhe tem efeito crucial na totalidade. O processo de projeto e o produto deve conter a síntese entre funcionalidade, espacialidade, conforto ambiental e tecnologia nas diferentes escalas envolvidas e dentro de um determinado contexto ambiental, cultural e socioeconômico.

O edifício sustentável representa uma parcela do ambiente construído, devendo as suas qualidades urbanas e ambientais também seguir em direção à sustentabilidade. Assim, se o objetivo maior for reduzir o impacto socioambiental das cidades e alcançar uma melhor qualidade ambiental urbana, em um cenário ideal, a busca pela arquitetura sustentável deve acontecer em três escalas: a do edifício, a do desenho urbano e a do planejamento urbano e regional (GONÇALVES; DUARTE, 2006).

Tais posicionamentos, podem nortear reflexões que efetivamente nos auxiliem a criar e/ou reconhecer espaços nos quais pessoas e grupos se transformem e, dialeticamente, transformem o mundo, numa contínua e permanente relação de troca que constitui os atos simbióticos de educar e educar-se (TONSO, 2010).

Manter conexões entre produtividade e lucratividade, no contexto da sociedade capitalista acentuou o consumo exagerado dos recursos naturais, e tornou-se por assim dizer uma “maldição”, porque em uma relação cíclica, retroalimentada, ao passo que transforma a natureza, produzindo riquezas econômicas, essas se concentram nas mãos de poucos, favorecendo o acúmulo de capital, que por conseguinte aumenta a desigualdade social e gera mais pobreza, mais exclusão, violência, e toda a sorte de problemas decorrentes da destituição da dignidade humana (ZIZEK, 2012).

Sato (2001) considera que a natureza não pode ser separada de alguém que a percebe, ela nunca pode existir efetivamente em si, porque suas articulações são as mesmas de nossa existência e porque ela se estabelece no fim de um olhar ou ao término de uma exploração sensorial que a investe de humanidade.

Nesse sentido, as contribuições da arquitetura sustentável pode ser um interessante recurso educativo para refletir a intervenção humana em diferentes espaços e intensidades. Por meio da observação, do registro do percebido e vivido, da representação dos fenômenos natural e cultural, pode-se interpretar e compreender o mundo em nosso entorno (local-global).

O abraço intelectual entre Arquitetura e Urbanismo, História, Letras, Matemática e EA (e outras áreas do conhecimento) em diferentes espaços educadores pode contribuir para a formação de sujeitos mais sensíveis, mais criativos e mais respeitosos pelos

ambientes que habitam presumindo uma harmonização entre o olhar, o sentir, o pensar e o agir. "Compreende uma atitude mais harmoniosa e equilibrada perante o mundo, em que os sentimentos, a razão e a imaginação se integram; em que os sentidos e valores dados à vida são assumidos no agir cotidiano." (DUARTE JÚNIOR, 2001, p. 115).

Tempo de criar outros olhos, para diferentes visões. Tempo para reparar o próprio olhar. "Lançar um novo olhar sobre as coisas. Não um olhar livre de todo pressuposto – isso certamente não é possível – mas um olhar inquestionavelmente consciente [...] da parcela de subjetividade que qualquer pesquisa ou análise científica comporta" (MAFFESOLI, 1998, p. 134), sem a pretensão da objetividade absoluta.

Para Duarte Júnior (2002) o processo educativo se configura em como o homem conhece e como encontra sentido para sua vida no mundo. Nesse sentido, a consciência humana – a capacidade de atribuir significações, decorre de sua dimensão simbólica, por meio da qual se transcende a esfera física e biológica, transformando o mundo em objetos de compreensão social. Para o autor (ibid, p. 26):

[...] entre o homem e a natureza colocam-se os símbolos, a palavra, a linguagem humana. E à vida (biológica) acrescenta-se um sentido, tornando-a existência. O homem não vive, simplesmente, mas existe: busca mais e mais dar um significado ao fato de se encontrar aqui, nascendo, construindo e morrendo. A história do homem é a história do sentido que ele procura imprimir ao universo.

Outros questionamentos podem ser colocados em relação a EA: [...] como é possível fomentar o diálogo entre sociedade, meio ambiente, educação e arquitetura? [...] qual é a diferença entre um estilo de economia e de vida sustentável esteticamente e as formas atuais de produção, trabalho e vida não sustentáveis? [...] Se o sustentável deve fascinar e ser atrativo, deve despertar os sentidos e ser lógico, então a categoria beleza transforma-se em matéria construtiva elementar de um futuro com futuro, em um meio de vida acessível a todos seres humanos (AGENDA 21- Conferência Mundial de Desenvolvimento Sustentável, 2001 apud SIQUEIRA, 2010).

Para Maturana (2005, p. 32) são necessários:

a aceitação e o respeito por si mesmo e pelos outros sem premência da competição para resgatar a harmonia que não destrói, que não explora, que não abusa, que não pretende dominar o mundo natural, mas que deseja conhecê-lo na aceitação e respeito para que o bem-estar humano se dê no bem-estar da natureza em que se vive.

Gehl (2013) defende uma intervenção política unificada que permita aos moradores usufruir, em conexão com suas atividades corriqueiras, de mais opções para caminhar, pedalar e se encontrar, com o intuito de desenvolver cidades mais “vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis” sendo possível criar uma sociedade mais aberta e democrática. Ganham, dessa forma, residentes e visitantes.

Os trabalhos em urbanismo e o planejamento têm níveis de escalas distintos: a grande escala, que corresponde àqueles projetos que envolvem o todo da cidade, sob uma perspectiva aérea; a escala média abrange partes mais setorializadas de bairros, organização de edifícios e espaços públicos, através de um vislumbre comparado a de um helicóptero à baixa altura; e o que julga mais importante, a escala pequena, a da paisagem humana, que considera a vivência das pessoas e o que o seu campo de visão consegue atingir (GEHL, 2013).

O PERCURSO METODOLÓGICO

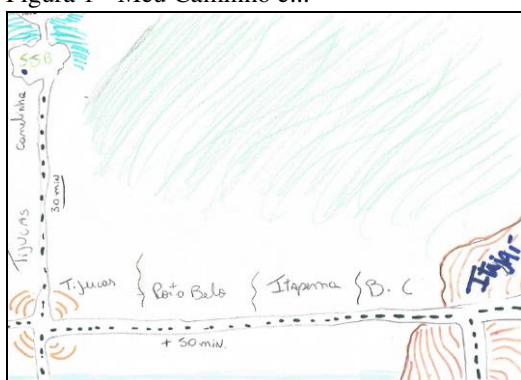
A abordagem metodológica caracterizou-se como qualitativa com base na pesquisa bibliográfica, com traços de pesquisa de campo e pesquisa-ação. A Teoria Geral dos Sistemas (TGS) orientou as interpretações dos dados de pesquisa. O organismo é um todo maior que a soma das partes – o processo que as une e as organiza, é fundamental para a sua compreensão, e tornam-se diferentes quando estudados isoladamente. Os fenômenos resultam assim, da interação entre as partes que compõem o todo "porque a característica fundamental de uma forma viva é a sua organização, a análise das partes e dos processos isolados uns dos outros não pode nos dar uma explicação completa do fenômeno da vida". (BERTRAND, 1994, p. 26). Um sistema é um complexo de elementos em interação de natureza ordenada (não fortuita)” o que implica reconhecer a dinâmica entre os elementos de um conjunto, conferindo-lhe uma característica de totalidade (BERTALANFFY, 1976).

O conjunto de ACs estruturadas e articuladas foram precedidas por diálogos mediadores tendo em vista a apropriação de uma base conceitual compromissada com as múltiplas dimensões da vida humana: social, cultural, econômica, ética, estética, afetiva, e que ao mesmo tempo atendessem a ementa da disciplina SMAE. Foram trabalhados os seguintes conteúdos curriculares com uso de recursos multimídia, vídeos, desenhos e ciranda de conversas: Unidade 1- Inter-relação entre Educação, Sociedade e Ambiente (O processo de desenvolvimento da sociedade humana: elementos históricos; Breve trajetória histórica de encontros e conferências ambientais; Concepções de meio ambiente, desenvolvimento sustentável e educação ambiental); Unidade 2 - A educação Ambiental

para sociedades sustentáveis (Políticas Públicas em EA; Espaços educadores sustentáveis); Unidade 3 - Experimentos educacionais interdisciplinares, sensibilização, percepção e interpretação ambiental (EA em diferentes espaços educadores), Nessa, foram vivenciadas as ACs que compuseram o projeto, Cidade para Pessoas estruturado em diferentes etapas, conforme descrição a seguir.

Etapa 1 - a) Meu caminho é... (Figura 1) A imagem da cidade via percepção (representação por meio de um desenho de um dos caminhos que você faz todos os dias para ir ao trabalho, a universidade, ao mercado... outros caminhos; b) O meu território é... (Que espaços da sua cidade você sente como seus territórios? Elaboração de uma listagem desses espaços e justificativa dessa escolha) (Figura 2); c) Mapa Mental a partir de um dos espaços urbanos (área edificada) (Figura 3). Os mapas mentais são ferramentas eficazes na captação das mais diversas percepções sobre o ambiente. Baseado na memória, refletem valores sensoriais adquiridos por meio do uso contínuo de um determinado espaço, estabelecendo com os sujeitos uma relação imagética, sensitiva, emocional, estranheza, etc.).

Figura 1 - Meu Caminho é...



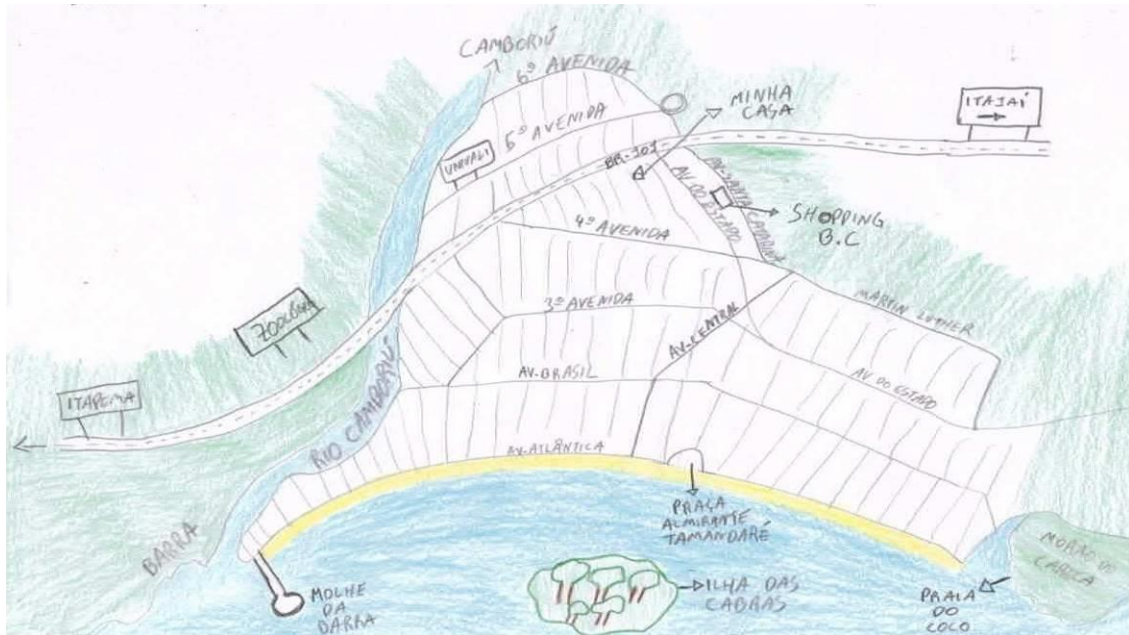
Fonte: João Batista Oliveira Neto, 2018.

Figura 2 - Meu Território é...



Fonte: Ana Júlia Gambeta, 2018.

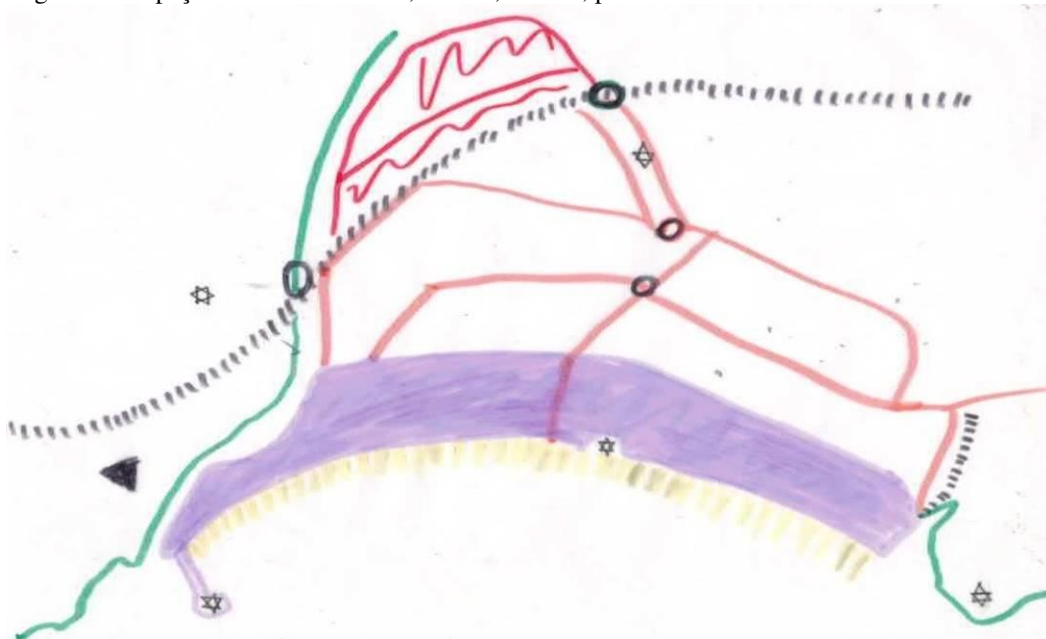
Figura 3 - Mapa Mental – Balneário Camboriú (SC)



Fonte: Andrius Silveira Rezende, 2018.

Continuando: d) Identificação e detalhamento dos cinco pontos de Lynch e Camargo (1997): caminhos, limites, setores, pontos nodais, marcos no espaço urbano (área edificada); e) Registro fotográfico do espaço urbano representado (Figura 4): percepção da escala humana (fotografar o espaço urbano (área edificada) selecionado pelo grupo anteriormente, seguido da leitura dos elementos da imagem da cidade apresentados no desenho e na fotografia (ausência e presença).

Figura 4 – Espaço Urbano: caminhos, limites, setores, pontos nodais e marcos



Fonte: Andrius Silveira Rezende, 2018.

Etapa 2 - Cidade para pessoas: entre o real e o possível de ser melhorado na perspectiva da Cidade para as pessoas. a) Entrevista semiestruturada para identificar a percepção dos moradores locais (cidade origem dos(as) acadêmicos(as); b) Análise dos dados - categorização e organização de uma tabela. c) Elaboração de Esquema conceitual - tal esquema seleciona as informações mais relevantes, e ignora o que não é essencial, auxiliando na organização de ideias para a etapa da proposta de intervenção que contemple a dimensão humana

Se no esquema inicial as ideias principais estiverem contidas, é mais fácil entender a lógica geral e realizar modificações ou ajustes antes de se comprometer com ela. Pode-se inferir, que o esquema conceitual é um instrumento que possibilita a reflexão e avaliação crítica (um brainstorm), assim como, a criação de várias propostas diferentes para ampliar o leque de possibilidades e fugir de soluções pré-definidas que às vezes prejudicam a criatividade.

A apresentação de todos os aspectos considerados fundamentais para a inserção da dimensão humana foi organizada e sistematizada (Quadro 01) e, posteriormente, materializados em uma maquete (Figuras 5 e 6) que teve como referência para a criação as reflexões, os conceitos considerados essenciais, os dados coletados e analisados e elaboração do Esquema Conceitual.

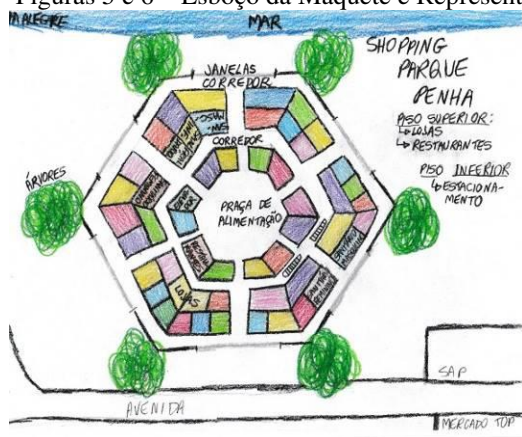
Quadro 1 – Aspectos fundamentais para inserção da dimensão humana

Categoria	Cena 1 - O que temos	Cena 2 - Diretrizes Projetuais
Caminhos	Av.Nilo Simas; Av. Contorno Sul, Av. Marcos Konder, Calçada da Hercílio Luz, Av.Beira Rio,	Liberação do tráfego de automóveis na Hercílio Luz, com o fechamento dela para este fim todas as noites, e em horário integral durante fim de semana e feriados, trazendo grande integração junto à Beira Rio, criando um verdadeiro corredor de agitação e divertimento noturno e diurno para a cidade.
Limites	Morraria (Morro da Cruz e etc.)	Preservação das Morrarias com a criação de uma APA (Área de Proteção Ambiental); proteção as nascentes e cursos da água presentes nos morros, com a regulamentação destes locais pela prefeitura, possibilitando o acesso das populações a estes recursos hídricos, criando outras alternativas ao abastecimento de água por parte da população.
Setores	Centro (Alta densidade de Prédios e comércios) Margem esquerda da Contorno Sul (Baixa densidade populacional, poucos prédios) Margem direita da Contorno Sul (Média densidade populacional, número médio de prédios).	Transferência gradativa dos comércios presentes no Calçada da Hercílio Luz para as ruas paralelas entre a Marcos Konder e a Beira Rio, que dispõe de estacionamento farto, deslocando o fluxo diário de pedestres e criando novas oportunidades de desenvolvimento da região central da cidade, para outros locais que se encontram atualmente vazios e com pouca movimentação.
Pontos nodais	Praça da Igreja Matriz, Calçada Hercílio Luz esq. Avenida Marcos Konder, Hercílio Luz esq.	Criação da passagem subterrânea para pedestres em frente a Univali, melhorando a o fluxo de veículos juntamente com criação de espaços adequados para a

	Avenida Beira Rio, Avenida Marcos Konder esq. Contorno Sul, Avenida Nilo Simas esq. Contorno Sul.	parada dos ônibus; Mudança radical da ocupação do Calçadão da Hercílio Luz, com o deslocamento do centro comercial para outra localidade no centro, dando preferência para alocação dos espaços por estabelecimentos de divertimento noturno (bares, casas noturnas, restaurantes) e espaços culturais, para fomento da região, que se esvazia durante os finais de semana.
Marcos	Igreja Matriz, Morro da Cruz.	Construção de um mirante no Morro da Cruz e Revitalização da estrada que leva até ele, que necessita de pavimentação; Revitalização da Praça da Matriz, com a colocação de bancos novos;

Fonte: Eder Jackson de Araujo Marques.

Figuras 5 e 6 – Esboço da Maquete e Representação do espaço urbano.



Fonte: Rosana Mercia Valentim.

Por fim, as ACs foram materializadas em um portfólio - um convite para o(a) acadêmico(a) de forma sistemática e numa estrutura narrativa refletir sobre a sua aprendizagem. Para Bordenave e Pereira (2005) o portfólio é uma boa ferramenta de avaliação para envolver o(a) acadêmico(a) em sua própria aprendizagem. O pensamento reflexivo fomenta a capacidade de solucionar problemas, articula diferentes operações mentais, potencializa o desenvolvimento de habilidades leitoras e escritoras e a metacognição.

SINTESES PROVISÓRIAS

Como sínteses provisórias nossa escolha foi trazer para esse contexto os olhares e expressões dos(as) acadêmicos(as) sujeitos do conhecimento explicitadas no portfólio:

"Proporcionou para mim quanto ser humano uma visão nova e ampla, tornando-me um ser mais consciente de minhas próprias práticas pessoais com o meio em que vivo e utilizo". (Acadêmica A).

"Mesmo estando ciente, que a SMAE proporcionou experiências e novas reflexões sobre a relação ser humano, outras formas de vida e as cidades,

faz-se necessário outros estudos e aprofundamentos teórico-práticos que contemplem os Objetivos de Desenvolvimento da Agenda 2030". (Acadêmica B).

"O impacto que o aprendizado trouxe causou um reflexo pessoal no coração de cada um de nós. Perceber, analisar e compreender as ações e nos conscientizar em relação ao que precisamos ou não precisamos efetivamente, plantando assim uma noção ambiental efetiva em relação aos nossos atos". (Acadêmica C).

"Com o pensamento envolto pela dialética me fez perceber a falta de aproveitamento de espaços construídos na cidade e a falta de integração/interação entre os ambientes natural e cultural. É fundamental incluir no ensino superior o estudo da cidade em sua totalidade para conexões dos ambientes". (Acadêmico D).

"Em função da complexidade da formação humana, as atividades curriculares desenvolvidas foram muito significativas em função da apropriação do conhecimento de forma integradora. Os diálogos entre diferentes saberes potencializaram o vínculo teoria e prática na análise sobre possíveis intervenções tendo como foco, a cidade para pessoas. A elaboração conceitual, a criação, a imaginação e responsabilidade social individual e coletiva foram vivenciadas por nós". (Acadêmico E).

"O desenvolvimento das atividades curriculares integradoras e diferenciadas vivenciadas na disciplina SMAE esclarecedoras de conceitos e fatos sobre o ambiente natural e cultural, contribui de forma elevada com minha formação docente, pois de agora em diante, pensarei em estratégias de aprendizagem que incluam práticas socioambientais integradoras". (Acadêmica F).

O intenso e pertinente envolvimento e participação efetiva dos (os acadêmicos(as) nas atividades propostas vem referendar que o conhecimento prévio dos educandos, as suas experiências no contexto social vivido, são pontos de partida para estimular processos de aprendizagem, levando-os a refletir sobre os próprios processos de conhecimento (metacognição) e aprendizagem, a fim de administrá-los e monitorá-los.

Fomentar espaços de aprendizagem integradoras envolvendo os ODS pode ser uma das possibilidades para a promoção de parcerias em nível local e regional envolvendo diferentes atores sociais de forma criativa, inovadora podendo resultar em empoderamento individual e coletivo otimizando o diálogo intercultural e promovendo o respeito às diferenças.

Para finalizar, sem concluir, nosso olhar encontra o de Duarte Junior (2012) [...] todo conhecimento principia no espanto. Nossa experiência estética com o mundo ocorre quando nossos sentidos se demoram na descoberta das coisas em nossa volta. O espanto é o maravilhar-se com o mundo. É disso que qualquer projeto educacional deveria sempre

partir. É sobre esses momentos esplendorosos que se constroem as reflexões, as teorias, a filosofia e a ciência [...] a imaginação, a recriação, a vida.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. UNITED NATIONS. Sustainable Development Goals. Disponível em: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/sustainabledevelopment-goals>>. Acesso em: 02 abr. 2018.
- BORDENAVE, J. D., e PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 26 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e história. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p.17-35.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- _____. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH- Departamento de Geografia da USP, 2007. 123p. Disponível em: <http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/Espaco_urbano.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2017.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2000. 94p.
- DUARTE JÚNIOR, J. F. **Fundamentos estéticos da educação**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2002.
- _____. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar Edições, 2001.
- _____. Entrevista 1 João Francisco Duarte Júnior. **Revista Contrapontos - Eletrônica**, v.12, n.3, p. 362-367, set./dez. 2012. . Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/4039/2387>>. Acesso em: 15 mar.2015.
- GEHL, J. e GEMZOE, L. **Cidades para pessoas**. São Paulo, Perspectiva, 2013.
- GONÇALVES, J. C. S.; DUARTE, D. H. S. Arquitetura sustentável: uma integração entre ambiente, projeto e tecnologia em experiências de pesquisa, prática e ensino. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 6, n. 4, p. 51-81 out./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/ambienteconstruido/article/download/3720/2071>>. Acesso em: 12 fev. 2018.
- JOFRÉ, Mario Torre. **Índice de Sostenibilidad Urbana: una propuesta para la ciudad Compleja**. Revista Digital Universitaria. 10 de jul. 2009. Vol. 10 Número 7. ISSN: 1067-6079. Disponível em < <http://www.revista.unam.mx/vol.10/num7/art44/art44.pdf>>. Acesso em 10 ago. 2012.
- LYNCH, Kevin; CAMARGO, Jefferson Luiz. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MILARÉ, Édís. **Direito do Ambiente**. 5.ed. (atual. ampl). **Revista dos Tribunais**. São Paulo, 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA - UNESCO. **Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. **Objetivos de aprendizagem**. França UNESCO, 2017; São Paulo: UNESCO Brasil, 2017. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0025/002521/252197por.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

ROGERS, Richard e GUMUCHDJIAN, Philip. **Arquitectura Sostenible**. In: **Ciudades Para un Pequeño Planeta**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

SABOYA, R. Esquemas conceituais em projetos de Urbanismo. A partir da obra de REID, Grant W. **Landscape Graphics**. New York: Whitney Library of Design, 1986. Disponível em: <<http://urbanidades.arq.br/2008/12/esquemas-conceituais-em-projetos-de-urbanismo/>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

SACHS, I. e STROH, P.Y.. (Org). **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SATO, Michèle. Debatendo desafios da educação ambiental. In: Congresso de Educação Ambiental Pró Mar de Dentro, 1. Rio Grande; Mestrado em Educação Ambiental, FURG & Pró Mar de Dentro, 17-21/maio/2001

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

VASCONCELLOS, C. dos S. Metodologia Dialética em Sala de Aula, **Revista, AEC**, v. 21, n. 83, abr/jun, 1994.

ZIZEK, Slavoj. **O ano em que sonhamos perigosamente**. BETTONI, R. (Trad.) São Paulo: Bontempo, 2012.

Submetido em: 26-08-2018.

Publicado em: 15-12-2018.